

LITERATURA E MEDIAÇÃO: fio mágico e artesão na tessitura da língua materna.

Silvana Mendes Sabino Soares
Professora técnica-formadora PMF/DE 2/SME - Mestranda em Educação – UFC
silsabinoso@gmail.com

Emanuella Sampaio Freire
Técnica em educação PMF/SME - Doutoranda em Educação – UFC
emanuellasampaio@gmail.com

Julio Cesar Vieira Lopes
Pedagogo do Colégio Militar de Fortaleza – Doutorando em educação – UFC
jjuliolopes@gmail.com

RESUMO

As premissas evocadas nas diretrizes insertas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) delineiam um processo de aprendizagem da Língua Portuguesa caracterizado, ao mesmo tempo, por um lado pelo afastamento da simples decodificação de textos escritos e por outro lado pela proximidade premente de uma abordagem escolar voltada para o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos. Para por em prática os princípios estabelecidos no mencionado e importante documento-referência, faz-se necessário a procura por alternativas didático-pedagógicas capazes de proporcionar aos discentes a possibilidade de aprender a ler, interpretar e comunicar com oportunidade, conveniência e sabedoria as idéias elaboradas acerca dos mais diversos assuntos. Com vistas em oferecer resposta à problemática descrita, elaborou-se esta produção científica com o fito de promover uma reflexão acerca das muitas possibilidades de uso da literatura como fonte para aprendizagens diversas nos domínios da Educação Básica. O artigo destaca a escola como lugar privilegiado para adoção das práticas educativas de ensino da Língua Portuguesa, em especial, aquelas atinentes ao letramento. Para tecer a trama das aprendizagens nessa perspectiva, apresenta como relevante o papel do professor-artesão, compreendido como o sujeito mediador das atividades de leitura, escrita e oralidade em sala de aula. O estudo teórico revelou a existência de espaços com importantes brechas com vistas à inclusão da literatura como esteio para a aprendizagem da língua materna nas escolas por meio da sensibilização dos docentes para pensar em estratégias metodológicas incorporadoras deste valioso patrimônio cultural.

Palavras-chave: Literatura. Mediação. Língua portuguesa.

1 Iniciando o desenrolar do fio

Dos modos utilizados para expressar a leitura de mundo, tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita, a literatura destaca-se dentre os mentefatos porque abriga no âmago de sua constituição importantes núcleos artístico-culturais. Permeada pelo resultado da messe biopsicossocial do sujeito-inventor permite por meio dos olhos da subjetividade e da sensibilidade enxergar, na realidade fenomenológica, detalhes poeticamente traduzidos em palavras cuja combinação adequada fazem fluir a emoção e despertar os mais diversos sentimentos.

Inserir-se no mundo das palavras por meio da literatura é encontrar o privilégio de aprender a ler o mundo e as coisas ao redor, de compreender melhor o outro e compreender-se

pessoa dentro da complexidade vivenciada. É poder pelo fio da expressão autêntica do escritor, imaginar e criar a própria maneira de perceber o contexto de significação da realidade. Tudo isso acontece antes mesmo do aprendizado convencional da leitura como bem traduz Paulo Freire: “[...] A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. [...]” (FREIRE, 1989, p.9)

Pois é na tentativa de firmar um diálogo entre a realidade e transcendê-la que ocorre o gesto literário na linguagem. Fabular é, dessa forma, uma característica inerente ao ser humano. Dotado da capacidade de falar, de articular ideias, está sempre a relatar fatos do cotidiano para quem lhe é próximo ou distante. Interessa-se pelos acontecimentos próprios e de outrem, por fatos e atos individuais e universais do ambiente de trabalho, dos amigos, enfim, da vida. Todos, de um modo geral estão sempre querendo saber e discutindo sobre assuntos os mais variados. Esse ato é produzido usando a palavra como matéria prima, ela é a vedete de toda a fabulação da tessitura das tramas, umas juntam-se a outras para compor harmonicamente o tecido chamado texto.

Neste artigo intenciona-se usar o fio literário para entremear os eixos de ensino da língua materna: oralidade, leitura e escrita, objetivando refletir sobre a indissociabilidade de tais eixos e a força motriz do referido fio no que concerne ao aprendizado da língua com alegria e sensibilidade estética. Pretende ainda, apontar a figura do professor como o artesão-mediador, aquele que nas proposições didáticas pode contribuir na formação de leitores reflexivos e produtores de textos autorais e significativos. Para tanto serão feitas algumas considerações acerca da língua e da literatura, em especial a literatura infantil e sua influência na formação do leitor e do escritor.

2 No desenrolar do fio pelo artesão, a tessitura se faz

“Era uma vez uma voz.

Um fiozinho à toa. Fiapo de voz.

Voz de mulher. Doce e mansa.

De rezar, ninar criança,

muitas histórias contar.

De palavras de carinho e frases de consolar.”

Ana Maria Machado

A língua materna do Brasil, Língua Portuguesa, assume na escola lugar de destaque no trabalho didático-pedagógico. Os estudantes precisam desta base para o aprendizado formal dos objetos de estudo dos componentes curriculares, pelos quais terão acesso ao patrimônio cultural e tecnológico construído e registrado ao longo da história. Dessa forma, a

língua necessita aprioristicamente ser aprendida em sua dimensão escrita, sem desconsiderar-se de modo algum a dimensão extraescolar da oralidade adquirida pelos aprendentes nas múltiplas interações sociais vivenciadas.

O discurso veiculado articula a preciosidade poética encontrada nos engenhos de Luís de Camões (2003) com um dos pontos mais relevantes da teoria da epistemologia genética de Piaget (2003). Para criticar a audácia da empresa portuguesa nos empreendimentos marítimos ocorridos no final do século XV, o gênio camoniano, entre as estâncias 94 e 104, do canto IV (p. 136-138), põe nas expressões do Velho do Restelo a avaliação do projeto português com argumentos oriundos da sabedoria popular. Esses saberes constituirão, no ambiente escolar, a base para a passagem – não há estrutura sem gênese, nem gênese sem estrutura – de uma estrutura de menor complexidade para outra de maior complexidade, conforme ao mencionado por Piaget (p.34). Quanto às aprendizagens da língua portuguesa o processo dar-se-á, de forma semelhante, como descrito a seguir.

Falantes nativos, portanto conhecedores da língua, os alunos têm na escola a oportunidade de encontrar a sistematização do ensino da representação do patrimônio cultural. Emerge do conteúdo dessa assertiva a relevante preocupação dos docentes em tomar como referência para o planejamento das atividades didático-pedagógicas em língua portuguesa esse saber “só de experiências feito”, como base para o domínio do acervo cultural. Desse modo, o conhecimento linguístico proposto pela escola fundar-se-á sobre o conhecimento de mundo, os saberes prévios dos educandos.

Dominar a língua materna tem, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa – PCN (BRASIL, 2001, p.23), estreita relação com participação social plena uma vez que é por meio dela que o cidadão se comunica, expressa pontos de vista e os defende, tem acesso a informações variadas, produz e registra conhecimento. Assim, para que haja tal domínio, a atividade didática deve considerar os eixos de trabalho com a língua portuguesa – oralidade, leitura e escrita – inter-relacionados assumindo o mesmo peso no processo de ensino e de aprendizagem.

Nesse sentido e considerando o ensino da língua na perspectiva do letramento, a diversidade de textos que circulam socialmente deve fazer-se presente na escola. E é nessa perspectiva que a literatura assume um papel privilegiado no trabalho pedagógico com a linguagem verbal, constituindo-se o fio que vai entremear e tecer as histórias dos alunos na aventura de sistematizar o aprendizado daquilo do qual eles já detêm muitos conhecimentos – a língua materna.

Calvino (1990, p.11) destaca confiança no futuro da literatura ao afirmar com otimismo e convicção que esta crença “[...] consiste em saber que há coisas que só a literatura com seus meios específicos nos pode dar. [...]” Nas Seis propostas para o novo milênio, (série de conferências que seriam proferidas na Universidade de Havard, das quais cinco foram preparadas mas devido a sua morte súbita nunca se realizaram) o autor nomeia e descreve fundamentado em argumentos encontrados em diversas obras literárias, as características oferecidas aos leitores que vivenciam o exercício de adentrar nos textos.

De viver e construir o sentido a partir das leituras que faz autonomamente e pela escuta de um leitor experiente, ao entrar em outros mundos, acessar outras formas de dizer e representar por meio da palavra imagens, atos e fatos. Temas que por serem extremamente complexos são de difícil compreensão, encontram na literatura uma abordagem construída com “leveza”, “exatidão”, “rapidez”, “visibilidade”, “multiplicidade” e “consistência.” (CALVINO, 1990).

Os conteúdos, às vezes caracterizados como densos e complexos, encontram na Leveza uma forma artisticamente elevada de modo a promover duplo efeito nas fases de elaboração, construído com suavidade na tessitura do enredo e com a possibilidade de ser acessado, pelo leitor, com tranquilidade.

Na Exatidão pode-se depreender a precisão do texto no sentido de concisão, assim delineado pelo autor que “projeto de obra bem definido e calculado; evocação de imagens visuais nítidas, incisivas, memoriais [...] e, uma linguagem que seja a mais precisa possível como léxico e em sua capacidade de traduzir as nuances do pensamento e da imaginação.” (p.71-72).

No aspecto atinente à Rapidez, Calvino refere-se ao tempo que não é o agora, mas que pode ser, porque o leitor o constrói na interação, no encontro com sua história com seus próprios sentimentos. Temporalidade que não é física, o tempo da narrativa retratado pelo enredo, revelado pela trama e identificado pela interpretação de quem lê.

Da visibilidade emoldura-se aquilo que faz imaginar, o visível imaginário a partir da imagem evocada pela forma criativamente combinada do léxico possibilitando a evolução de cenários e personagens singulares e plurais. A Multiplicidade permite que esses mistérios revelados na literatura possam ser um e ao mesmo tempo outros. Dá ao leitor o poder de sendo apenas um, ser muitos, de se imaginar retratado nos personagens da história, assumir vários papéis na aventura de se conhecer e de conhecer o outro, poder se colocar no lugar do outro, enriquecendo a experiência da própria vida. (CALVINO, 1990)

Complementando a série de potenciais conferências, a sexta que não foi escrita, porém intitulada pelo autor de Consistência – aqui suposta como a qualidade do que é oferecido a quem participa dessa aventura literária, a profundidade na forma como são tratados os temas, principalmente os que abordam sentimentos mais fortes como o abandono, a morte, as perdas que a vida impõe. Temas consistentes como os mencionados, encontram na linguagem literária um alento ao serem solucionados ainda que de forma maravilhosa ou mágica.

Decorre daí o caráter formativo da literatura, aquilo que nos acontece e permanece, oportunizando o acesso a outras perspectivas, a possibilidades de viver outras vidas, a vida que não é a própria e, entretanto tem elementos vitais sutilmente tratados, artisticamente explicitados. Não é o próprio nem o real e ao mesmo tempo é o que há de mais significativo que qualquer realidade seria incapaz de revelar e explicar.

Os PCN consideram o ensino e aprendizagem da língua na escola como decorrentes da articulação da tríade aluno - objeto de conhecimento - ensino, em que o enfoque dado ao terceiro elemento deve ser concebido como a prática educacional que organiza a mediação entre o sujeito que é o aluno e o objeto de conhecimento, aqui a Língua Portuguesa. (BRASIL, 2001, p.29) Diante de tal assertiva, a missão da escola está para além do simples ensino da codificação e decodificação vernácula. Para garantir a plena participação social de seus alunos, as instituições de ensino precisam contribuir de fato para a formação de leitores e produtores de texto competentes, críticos e conscientes.

Para Corsino (2010, p.189), “[...] O desafio de educar com a literatura numa perspectiva libertadora exige do professor um olhar atento para a qualidade das obras e para as possibilidades de leitura.” Dessa forma, não é qualquer texto literário nem qualquer livro e até mesmo qualquer gênero que se adequa a todos os aprendizes. É necessário, portanto, a seleção criteriosa e intencional do professor ao levar em conta aspectos como qualidade do texto, ilustrações, originalidade, adequação à faixa etária, interesse do leitor, gênero literário, ou seja, os aspectos intrínsecos e extrínsecos dos textos.

Com esse cuidado o professor, aqui considerado o artesão a tecer o entrecruzamento do fio literário na formação do leitor, poderá selecionar as obras descartando aquelas com conteúdos preconceituosos, moralismo e pedagogismo que antes objetivam ensinar preceitos e pouco contribuem com a fruição, liberdade, possibilidade criativa e sensibilidade estética. (JARDIM, 2001)

É pois, na mediação sensível do professor, desafiado a articular os eixos da língua que pode residir a possibilidade da formação do gosto pela literatura, da escolha pessoal de

cada aluno no momento em que encantadoramente oferece sua voz ao deleite dos leitores-ouvintes. Na condução da leitura mostrando os caminhos por ele trilhados e apontando outras alternativas, igualmente prazerosas, o mestre se põe ao lado do leitor em formação numa relação próxima mas que sobretudo visa a construção da autonomia. Neste sentido Machado e Corrêa asseveram,

Os caminhos da literatura podem ser muitos e cada leitor pode descobrir ou construir o seu, mas o professor pode e deve ser o mediador, o companheiro da jornada, aquele “guia” experiente que pode orientar caminhos interessantes, por vezes difíceis, durante a travessia. [...] (MACHADO; CORRÊA, p.119-120)

Na escuta-leitura, conversa e argumentação acerca das obras e no registro da multiplicidade de sensações oriundas dessa matéria prima, o professor se revela artífice nessa construção ao contribuir no florescimento da expressividade de cada um de seus alunos, de maneira a promover a liberdade do pensar, a segurança do verbalizar, a escolha sensível do ver e a precisão do registrar.

Na mediação da leitura literária há, sobretudo, o encontro entre leitor, ouvinte e texto, encontro de histórias de vida revelando o que cada um dos envolvidos tem a oferecer ao outro, dos recursos internos e externos (MACHADO, 2015) construção de sentido e significado numa interação mediada pelo mestre-artesão, o professor. Esse sujeito busca no arcabouço literário o que mais se aproxima das peculiaridades de seus aprendizes a fim de fazer com que o fio possa unir desejo e necessidade. E a partir desse ponto oportuniza voos a se tornarem cada vez mais altos, mediante a decisão de cada leitor.

É nas vivências por meio dos exemplos, modelo de leitor fluente e, sobretudo demonstrando naturalmente, porque verdadeiro, o encantamento pelo texto lido que o encontro se efetiva e alunos podem ter a possibilidade de construir e reconstruir os significados capazes de fazer-lhes compreender a realidade e aquilo que nela lhes afligem, surpreendem ou emocionam. E na boniteza do ensinar, entendendo que esta ação não significa “transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou sua construção” defendida por Freire (1996, p.52), o professor tem em suas mãos os instrumentos eficazes de tessitura do trabalho pedagógico com a língua materna favorecendo não só as aprendizagens, mas também a apreensão dos objetos de aprendizagem afetos às demais áreas do conhecimento.

Na infância, as narrativas literárias entre elas os contos de fadas tradicionais, as fábulas, os contos populares e as narrativas curtas possibilitam aos estudantes lidar com construções típicas desse tipo de texto, diferenciar a linguagem oral da escrita, ler imagens,

relacionar fatos ficcionais a vida real. Isso se dá pela multiplicidade de acontecimentos, pela estrutura artística e pelo enredo o qual dialoga diretamente com o subconsciente da criança contribuindo para a construção de sua personalidade e na compreensão do mundo em que está inserida. Pedagogicamente trata-se, conforme Machado, de entender que para cada criança as histórias trazem “a oportunidade de organizar suas imagens internas de uma forma que faça sentido para ela naquele momento.” (MACHADO, 2015, p.48)

Segundo Corsino (2001), já que a linguagem peculiar às crianças é a brincadeira, as narrativas somam-se a essa linguagem e as palavras passam a fazer parte delas. É nas cantigas de ninar cuja melodia embala o sono dos pequenos que se inicia sua relação com os textos em verso e em prosa nas histórias narradas geralmente pela família. A autora ressalta o papel das brincadeiras faladas e jogos orais presentes nas brincadeiras como inserção prazerosa no mundo literário.

[...] versos e quadrinhas que acompanham as mais diversas brincadeiras e jogos infantis, desafios, adivinhas e cantigas de roda como numa grande ciranda vão compondo e partilhando o repertório de textos, tanto individuais quanto coletivos. Se na prosa a sequência da narrativa exige elementos de coerência e de coesão explicitados na superfície do texto, na poesia o ritmo dado pelo significante, com rimas, aliterações etc., faz com que o jogo com as palavras incite o imaginário a buscar a coerência indo e voltando ao texto numa leitura não linear. (CORSINO, 2001, 190-191)

O movimento gerado pela literatura, em atividades intencionalmente planejadas, perpassa os eixos proclamados pelos PCN para o ensino da língua portuguesa porque amplia a oralidade dos sujeitos, estimula o interesse por leitura de obras literárias e permite a elaboração de textos condizentes com o exercício da visão crítica acerca dos fenômenos.

Além disso, a leitura de obras literárias possibilita pensar a existência na medida em que os textos revelam histórias de vida, de lugares, possibilidades e sentimentos de forma metafórica, construindo imagens por meio da linguagem poética. Essas histórias estabelecem um diálogo com o leitor e o ajudam na compreensão e reflexão acerca do mundo. Como assevera Ricardo Azevedo no poema Aula de leitura, “A leitura é muito mais do que decifrar palavras” e “Quem quiser parar pra ver pode até se surpreender.” (AZEVEDO, 1998, p.41)

Para Farias (2006, p.89), “[...] o uso dessas histórias em sala de aula pode viabilizar o fluxo da imaginação criativa, pois elas nos educam para o exercício da criatividade e da liberdade. [...]” Essa é uma das características do cidadão que a escola intenciona desenvolver tão necessária para viver no mundo contemporâneo cheio de contradições e desigualdades.

Outro detalhe imprescindível para o sucesso das atividades elaboradas com ênfase na adoção da literatura como estratégia didático-pedagógica principal, tanto para facilitar as aprendizagens da língua portuguesa, quanto para oferecer suporte às demais disciplinas curriculares, dá-se na conversa em sala de aula sobre os textos literários. Esse diálogo requer do mediador um planejamento adequado com vistas em selecionar os textos e preparar a forma de exposição e interação nas turmas.

A esse respeito Brandão e Rosa (2010) asseveram que um dos aspectos que justificam a importância da conversa “é a possibilidade que ela dá de engajar o leitor ou ouvinte na busca e produção de significados sobre o que lê ou escuta.” (BRANDÃO; ROSA, 2010, p.70). Para tanto é necessário que o aluno compreenda que a leitura se constitui numa atividade de produção de sentido. Possibilita ainda ao professor o trabalho pedagógico com a compreensão do lido, sendo, portanto uma estratégia para este fim. Além desses dois pontos, segundo as autoras para que a conversa sobre os textos possa realmente ter sentido é crucial partir de bons textos, pois será a qualidade do texto que viabilizará uma boa conversa, é preciso que tenha elementos geradores de assuntos a ser conversados. Esta ação também promove o desenvolvimento acadêmico do aluno uma vez que “a conversa em torno da leitura prenuncia outra aquisição importante para as crianças: sua capacidade de dizer por escrito, de produzir seus próprios textos, de construir sua autoria.” (BRANDÃO; ROSA, 2010, p.86)

“Quem conta um conto aumenta um ponto.
Muitos contos muitos pontos. A cada história a voz crescia.
Marcava pontos. Ficava em ponto maior.
Mais firme mais decidida,
entendendo mais a vida.”

Ana Maria Machado

3 O arremate sem nós, apenas laços

Este texto teve a intenção de fazer um passeio pelos eixos da língua portuguesa tomando por base a literatura como forma privilegiada de acesso a língua materna. Nas dimensões oral e escrita, a literatura pode contribuir para o desenvolvimento de leitores autônomos, de produtores competentes de textos dos mais variados gêneros e de falantes eficientes, participando assim da vida social que se dá primordialmente por meio da palavra seja ela escrita, oral e até mesmo gestual.

Entende-se que é por meio do domínio da língua portuguesa em todas as suas vertentes que o sujeito exerce a cidadania plena e participa com segurança das diversas

situações em que este conhecimento é necessário. Destacou-se o papel da escola no desenvolvimento deste saber e do professor como o artesão mediador responsável por desenrolar o fio da meada literária que perpassa o trabalho pedagógico com a língua arrematando os pontos cujo tecido compõe propositadamente na interação com o aprendiz a arte de falar, ouvir, ler e escrever.

Ao termo deste artigo, restou a conclusão sobre a existência de espaços com importantes brechas com vistas à inclusão da literatura como esteio para a aprendizagem da leitura, da oralidade e da escrita nas escolas por meio da sensibilização dos docentes para pensar em estratégias metodológicas incorporadoras deste valioso patrimônio cultural.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ricardo. Aula de leitura. In: AZEVEDO, Ricardo. Dezenove poemas desengonçados. São Paulo: Ática, 1998.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. ROSA, Ester Calland de Sousa. A leitura de textos literários na sala de aula: é conversando que a gente se entende. In: Literatura: ensino fundamental / Coordenação, Aparecida Paiva, Francisca Maciel, Rildo Cosson. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Volume 2. 3ed. Brasília: MEC/SEF, 2001.

CALVINO, Italo. Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

CAMÕES, Luís de. Os Lusíadas. São Paulo: Martin Claret, 2003.

CORSINO, Patrícia. Literatura na educação infantil: possibilidades e ampliações. In: Literatura: ensino fundamental / Coordenação, Aparecida Paiva, Francisca Maciel, Rildo Cosson. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JARDIM, Mara Ferreira. Critérios para seleção e análise de textos de literatura infantil. In: SARAIVA, Juracy Assman (org). Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

MACHADO, Ana Maria. Ponto a ponto. Ilustrações de Christine Röhrig. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2006.

MACHADO, Maria Zélia Versiani; CORRÊA, Hércules Toledo. Literatura no ensino fundamental: uma formação para o estético. In: Língua Portuguesa: ensino fundamental / Coordenação, Egon de Oliveira Rangel e Roxane Helena Rodrigues Rojo. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

MACHADO, Regina. A arte da palavra e da escuta. 1 ed. São Paulo: Editora Reviravolta, 2015.

PIAGET, Jean. O estruturalismo. Rio de Janeiro: Difel, 2003.